

ALEXANDRE DE GUSMÃO: PRÁXIS ESCOLAR E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA**Fabio Falcão Oliveira¹**

RESUMO: Neste artigo teremos a perspectiva de elaborar a visão de Alexandre de Gusmão em relação à imagem do professor, a maneira que ele entende e possibilita a construção da prática educativa. É na *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* que Alexandre de Gusmão expressará essa visão. Entender essas disparidades é aproximar o *Tratado* de Alexandre de Gusmão com a *Ratio Studiorum*. São possibilidades e direções que o Brasil colonial proporcionará ao leitor e pesquisador. Compreender a *práxis* educativa colonial é aproximar-se da realidade vivenciada pelo jesuíta citado. São os professores os contribuidores da construção cultural e livresca do Brasil colonial.

Palavras chave: Professores, História do Brasil Colonial, *Ratio Studiorum* e prática pedagógica.

Alexandre de Gusmão: educational *praxis* and pedagogical formation

ABSTRACT: In this article our objective is to develop Alexandre de Gusmão's view regarding the image of the teacher; the way he understands and enables the construction of practical education. In the literary work of *Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* (Raising Your Kids Well in the Age of Boyhood) is where Alexandre de Gusmão will express his view. Understanding these disparities is to approximate *Tratado* (Treaty) of Alexandre de Gusmão with *Ratio Studiorum* (System Studies). Those are possibilities that colonial Brazil will provide the reader and researcher. To understand the educational *práxis* is to approach closely to the reality experienced by the aforementioned jesuit; teachers are the collaborators of the cultural and bookish construction of colonial Brazil.

Keywords: Teachers, History of colonial Brazil, System Studies, pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em história do Brasil colonial é inegável a contribuição dos jesuítas. Estes jesuítas que desembarcaram com Nóbrega em 1549, trouxeram para as terras brasílicas um estilo, uma nova metodologia (herdada dos movimentos renascentistas) no campo da educação que mostrou-se eficaz.

¹ Doutorando em Educação. Universidade Federal de São Carlos ó Ufscar. atelc_off@hotmail.com

A missiva jesuítica mostra-se na catequese, na pedagogia, na forma de perceber o mundo em sua volta. Os valores da cristandade no século XVI desempenhada pela proposta e papel dos inacianos conserva um papel totalmente diferente da reforma; obediência e identificação com papado.

Nóbrega ao desembarcar no Brasil, conserva a aptidão dos inacianos em conquistar espiritualmente o mundo gentílico. Com Tomé de Sousa, ainda no ano de 1549, a iniciativa jesuítica manifesta-se com o princípio de religiosidade ó perspectivava a conversão dos gentios.

De qualquer forma, a palavra catequese exprime o teor da evangelização. Esta para os jesuítas só seria possível quando aplicada uma prática educativa. Nóbrega inicia o projeto escolar e mais tarde, Alexandre de Gusmão dá continuidade a esse projeto fundado o Seminário de Belém e escrevendo algumas obras de cunho pedagógico: entre elas se encontra o Tratado cujo título é *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* e a obra *Seminário de Belém*, ambas pilares para entendermos o que o autor colonial pensava sobre educação.

Mas essa produção literária, ora pedagógica, ora religiosa, só foi possível por causa de três fatores, primeiro é visível à influência pedagógica do *Ratio Studiorum*, a espiritualidade dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola* e as normas das *Constituições Complementares*. Esses três documentos é o corpo mestre de Alexandre de Gusmão.

Neste artigo apenas objetivamos analisar a figura do professor na obra de Alexandre de Gusmão dentro do contexto do Brasil Colonial. Nisto entenderemos como as ferramentas da prática pedagógica se manifestava e como o autor colonial percebia o mundo em sua volta.

1. BRASIL COLONIAL, HISTÓRIA E PRÁTICA JESUÍTICA

Quando penso na proposta educativa do professorado na colônia brasílica, não me esqueço de Alexandre de Gusmão. Este jesuíta que viveu e morreu no Brasil, desde muito jovem mostrava seu estado pio e gracioso aos braços da Companhia (FREITAS, 2011)².

² Não nos deteremos neste artigo na vida histórica de Alexandre de Gusmão, pois as laudas não nos favorecem. Ficaremos por hora, com o discurso que Alexandre de Gusmão constrói para perspectivar a figura do Professor e sua imagem na educação jesuítica. Por esse motivo, acabamos dando um salto na vida de Alexandre de Gusmão e desembocando na sua obra máxima, *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puerícia*. Pois é ela que nos dará fundamento para construção desta via que lhes apresentamos. Quando falarmos do Tratado estamos nos referindo à *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puerícia* de Alexandre de Gusmão.

É no ano de 1685 em Lisboa na oficina de Miguel Deslandes que fica na Rua Da Figueira que foi publicado a *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puerícia. Dedicada ao minino de Belém, Jesu Nazareno*. A sua obra máxima é referencial na educação de meninos e em 1686. Neste mesmo ano Alexandre de Gusmão marca o local da fundação do Seminário de Belém da Cachoeira. (LEITE, 1949, Tomo VII; PITTA, 1958; FREITAS, 2011; OLIVEIRA, 2008).

Segundo Leite (1945, Tomo V) este obra *Arte de criar bem os filhos na Idade da Puerícia* tornar-se-á juntamente com a *Escola de Belém* as bases educativas do Seminário de Belém em Cachoeira. Entendemos que quando o autor do Tratado fala da educação proporcionada pelos professores, percebe-se claramente, nas entrelinhas, uma aproximação de seu Tratado com o *Ratio Studiorum*. O discurso se estabelece quando leva em consideração o trato especificamente das crianças, o compromisso que têm o professor em aperfeiçoar a criança nos bons costumes³.

Essa forma de pensar nenhum outro autor da Península Ibérica havia formado, apenas os da Companhia. Talvez fosse porque o *Ratio Studiorum* influenciou os autores jesuítas de tal maneira que os discursos no âmbito da educação se parecem muito.

O *Ratio Studiorum* é um conjunto de regras que determinam o que deve ser feito para lograr objetivos educativos que pretendiam os jesuítas em seus colégios. Nesta sequência, devemos entender o *Ratio* como sinônimo de ordem ou ordenação, conforme o dicionário latino. Pensamos no código como esteio de um estabelecimento da ordenação e eficácia de regras que ajudam nas ocupações educativas (OLIVEIRA, 2008).

Para Paiva (2012), em sua obra *Religiosidade e Cultura Brasileira*, existiam hierarquias para as pessoas que participavam deste processo (Provincial, Reitor, Prefeito de Estudos, Professores ó a estes são indicados segundo as hierarquias das disciplinas ó, bedel, escolásticos e alunos externos). Os educadores aplicavam os princípios vitais e fundamentais para a educação.

Neste contexto o *Ratio* está envolto não só do saber, mas das virtudes que levam o homem à fé. A ciência se submete a este sentimento, essa é a característica essencial do uso

³ Para Gusmão (1685, p. 91), o bom mestre dos meninos se preocupa na doutrina dos bons costumes, chega aos corações com seus ensinamentos.

da razão e sua validade transforma-se numa prática estrutural, visível e educacional (FRANCA, 1952).

Esse código está entre a prática e a teoria, a fronteira bem distinta entre o homem e Deus. O código oferece caminhos para aprender a falar e escrever. Essa maneira de educar dos jesuítas proporcionou para Alexandre de Gusmão no seu Tratado a possibilidade de um discurso onde a preocupação maior são as percepções precisas para criar e educar crianças na puerícia.

Os exercícios como método de vida espiritual e a razão como instrumento pedagógico são as duas contribuições originais da Companhia de Jesus à história (PALACIN, 1981, p. 287). O Pe. Gusmão nutriu-se destes ideais, respirou essa forma de educar e passou isso para a posteridade.

O *Ratio* é um material que continha uma resposta metodológica e bem elaborada com a finalidade de constituir bases educativas para os primeiros jesuítas. Se assim não fosse, não haveria necessidade de entendermos o *por quê?* e o *para quê?* do documento jesuítico. Se o leitor não ler o *Ratio* nesta perspectiva, pode-se dizer que seria como estudar um corpo ó uma letra morta ó sem espírito de vida.

Esse ideal educativo aparece na educação jesuítica com finalidade de levar o aluno a entender os apontamentos dos professores, uma educação paterna, no que diz respeito aos tratos e cuidados. Uma instrução rígida e constante, os alunos têm um tempo diário para o exercício das disciplinas. Os pais escolhem o caminho que o filho há de seguir, e os aconselhamentos sobre o que ler e o que pesquisar são dados pelo professor de tal maneira que os guie para o bem comum ó não tomaria assim o professor o papel de pai?

Logo designa a matéria que hão de aprender e ensinar com os **olhos sempre fitos no fim que estabeleceu**; definem claramente à doutrina, que seus filhos hão de seguir para que não extraviem nas investigações científicas e determina que em qualquer faculdade abracem a mais segura e aprovada, aponta os livros que hão de explicar escolhendo os mais sólidos e rejeitando os mais suspeitos... (*parte em negrito acréscimo nosso* - RODRIGUES, 1917, p. 40).

Ao aparecer *olhos sempre fitos no fim que estabeleceu...ö*, revela que os pais devem estar de olhos fixos no fim que os seus filhos irão perseguir. Isso é a prova que a educação no âmbito jesuítico é a marca de um tempo que o emprego e a preocupação educacional faziam-

se comum neste mundo. Essa preocupação iniciava com a família nos primeiros passos da criança e passava-se esta obrigação de educar para os professores.

Isso porque os portugueses educados na colônia ou em Portugal no século XVII assumem um modo prático, um papel significativo no seu contexto social. E os colégios jesuítos desempenhavam o papel paternal e oferecia cultura, intelecto ao indivíduo. De forma que a prática da educação era a adesão à cultura portuguesa.

Observamos esta linha do pensamento pedagógico no Tratado: ãos offícios de mestre, ayo, & tutor sejam diferentes no cuidado. Sam o mesmo na obrigaçam; porque assim como a todos compete o mesmo nome de pays, assim incumbe à obrigaçamö (GUSMÃO, 1685, p. 82).

A responsabilidade do professor é diferente no trato e no cuidado, esse caminho seguido por Alexandre de Gusmão é a posição do professorado que o *Ratio* estabelece. O caráter educativo e o modelo de educação jesuítica estão fundamentados na razão pregada no *Ratio*. Devemos justificar que chamamos o *Ratio* para tratar desta questão porque

é quase impossível tratar de qualquer aspecto da educação do período jesuítico sem utilizá-lo, uma vez que ali se encontram não apenas as regras de estudos, os procedimentos que os mestres deveriam seguir, como também a está subjacente e, todo o compêndio a concepção de conhecimento professada pelos jesuítas (BITTAR & FERREIRA Jr, 2007, p. 108).

A razão definida pelo código informa todas as atividades e estabelece as ações dos seres humanos. Lembra a busca incansável da regra para uma perfeita educação, lembra um meio pedagógico que é um modelo para todos os educadores da época. Ele não foge deste padrão e podemos observar isso em seu Tratado: ãquanto mais excellente for o mestre, melhor será a criaçam do discípuloö (GUSMÃO, 1685, p. 85). Sobre a obrigação dos professores encontramos várias menções no *Ratio*. No primeiro capítulo, sobre as *Regras do Provincial*:

Como um dos ministérios mais importantes da nossa Companhia é ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso, tenha o Provincial como dever seu zelar com todo empenho para que aos nossos esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da nossa vocação (FRANCA, 1952, 119, §1).

Ainda encontramos:

Com grande antecedência proveja os professores de cada faculdade, observando os que em cada disciplina parecem mais competentes, os mais eruditos, aplicados e assíduos, os mais zelosos pelo progresso dos alunos não

só nas aulas senão também nos outros exercícios literários (Ibidem, 1952, 119, § 4).

Vemos que a razão é a ferramenta ideal para a formação. A obrigação dos professores caminha junto com a razão. A estes é concedida a tarefa de observar, perceber os mais aplicados, instruir nos exercícios literários e guiar no caminho da moral e religiosidade. Falar de moral e de religiosidade é falar de bons costumes.

Essa preocupação com a moral e a religiosidade do aluno é vista tanto no *Ratio Studiorum* como no Tratado. No *Ratio* a religião se acentua no ensino das virtudes cristãs (FRANCA, 1952). No Tratado a religião aparece na devoção (GUSMÃO, 1685, p. 283).

A moral aparece no código pelas relações dos professores com os alunos, ao informarem as regras em sala de aula sobre as provas, sobre as repressões, sobre os castigos, sobre a misericórdia. O Tratado estabelece um paralelo com o *Ratio*, a relação entre professores e alunos deve ser seguida com rigor e amor (GUSMÃO, 1685).

O *Ratio Studiorum* guiava as leituras dos alunos, informando quais os autores recomendados ou não pela Companhia, por exemplo, a leitura da filosofia dos averroístas não é bem vista, sobre isso encontramos a seguinte citação: ão se filie nem a si nem a seus alunos em seita alguma filosófica como dos averroístasö (FRANCA, 1952, 158, § 5). Sobre autores autorizados para a prática das leituras ou apoio pedagógico encontramos a seguinte citação da *Regra do Professor da Classe inferior de Gramática*: õnas preleções adotem-se, dentre as cartas de Cícero, só as mais fáceis, escolhidas para este fim, e, se possível, impressas separadamenteö (Ibidem, 1952, 211, § 1).

Essa recomendação do *Ratio* sobre as leituras que os professores devem selecionar aos alunos está em concordância com a doutrina estabelecida, seguir Aristóteles e a doutrina escolástica⁴. Os jesuítas souberam aliar o trabalho apostólico da catequese ao da educação e da instrução. E para isso empregaram sua metodologia pedagógica com fundamentos científicos fixados pelo *Ratio Studiorum* (FERNANDES, 1980, p. 116).

No Tratado, o ideal do *Ratio* aparece quando Gusmão aponta os deveres dos pais e professores. Como cuidar dos filhos problemáticos, como guiá-los quando meninos, sobre os castigos brandos, na piedade da criação, etc. No discurso do Tratado percebemos uma

⁴ A filosofia natural, a moral, a lógica, a metafísica e todas as artes liberais devem os alunos da Companhia seguir o modelo aristotélico (*Constituições da Companhia de Jesus*, 2004, p. 144 [470]).

importante ligação com a doutrina do *Ratio*. O *Ratio Studiorum* promove a imagem do professor como luzeiro do aluno:

Com grande antecedência proveja os professores de cada faculdade, observando os que em cada disciplina parecem mais competentes, **os mais eruditos, aplicados e assíduos, os mais zelosos pelo progresso dos alunos não só nas aulas senão também nos outros exercícios** literários (FRANCA, 1952, 119, § 4 ó destaque em negrito nosso).

Na *Regra do Reitor* encontramos:

Regule e distribua as ocupações de maneira que possa estimular e desenvolver os exercícios literários. Visite por vezes as aulas, mesmo inferiores: esteja quase sempre presente às disputas, privadas e públicas, dos filósofos e teólogos: observe se e porque estes exercícios não dão os resultados (Ibidem, 1952, 133, § 3).

Na *Regras do Prefeito de Estudos* vemos:

Aos escolásticos, aos internos, e aos externos por meio de seus professores não só prescreva o método de estudar, repetir e disputar, senão também distribua o tempo de modo que aproveitem bem as horas reservadas ao estudo privado (Ibidem, 1952, 138, § 26).

Nas *Regras Comuns a Todos os Professores* percebemos a regra que se aproxima precisamente do ideal proposto de Gusmão:

Com o auxílio da graça divina seja **diligentemente e assíduo** no cumprimento de todos os seus deveres, zeloso do adiantamento dos alunos tanto nas lições como nos outros exercícios escolares; não se mostre mais familiar com um aluno do que com outros; **não despreze a ninguém; vele igualmente pelos estudantes dos pobres e dos ricos**; procure em particular o progresso de cada um dos seus estudantes (Ibidem, 1952, 144, § 20 ó destaque em negrito nosso).

O fato de não desprezar ninguém (tanto pobre como rico) é um processo educacional importante, a ocupação dos professores em observar cada um individualmente, regular as ocupações dos alunos, refletir e discutir com os alunos, a distribuição de tempo para estudos e o zelo, o carinho, o trato para com os estudantes pobres, etc., são pontos que aparecem no Tratado frequentemente, por exemplo: õassim como he obra de suma piedade crear os meninos enrejeitados pelo summo desamparo, em que estam, assim não é de menor piedade, & agrado a Deus a boa criação dos mininos órphansö (GUSMÃO, 1685, p. 119).

Sobre os meninos ricos e pobres, Alexandre de Gusmão (1685, p. 15) acreditava que os de humilde nascimento conseguiriam adquirir conhecimento se fossem criados com boa educação e bons mestres. Ele analisa este assunto contando uma metáfora: Se puserdes pedras

de vidros junto com o diamante tosco, parecerá o vidro diamante e o diamante vidro, porque o diamante falta indústria. Se comparares um filho de humilde nascimento, porém bem disciplinado, com o filho de um príncipe ilustre de sangue, porém sem criação, nem ensino, parecerá o menino õhumilde diamanteö e õo rico vidroö.

A educação para Alexandre de Gusmão é um processo sócio-cultural que se dá por uma história marcada pelo *Ratio Studiorum*, pela cultura portuguesa e pela sociedade portuguesa, envolvendo comportamentos sociais, costumes, instruções, atividades e exercícios racionais (SEVERINO, 1986, p. 54).

Neste sentido, tanto Alexandre de Gusmão como o *Ratio Studiorum* apresenta o professor como responsável pelo desenvolvimento do aluno. Ao prefeito de estudos, por exemplo, cabia não só observar os professores, mas também ler com atenção os apontamentos dos alunos: õleia por vezes, os apontamentos dos alunosö (FRANCA, 1952, 138, § 17). Com isto a pedagogia jesuítica é um motor cuja rotação depende do professor (RODRIGUES, 1917, p. 9).

Para o exame dos processos pedagógicos no âmbito dos jesuítas não basta analisar a composição dos cursos e o modo que se desenvolviam: faz-se mister ainda expor o método por eles adotado na direção dos alunos. Eles procuraram estabelecer, as concepções, fundada na unidade de professor, na unidade do método e na unidade da matéria (FARIA, 1952, p. 61).

Os professores devem sempre observar os alunos, acompanhando o desenvolvimento, sempre com boa regra de comportamento e disciplina. Além disso, a exigência dos jesuítas nos séculos XVI e XVII, a uma boa concentração é uma forma de corrigir a anarquia do ensino (Ibidem, 1952, p. 62). Isto é a especial finalidade do professor, oferecer ocasião que mova o estudante ao serviço do reino e de Deus, sendo pelos exercícios das virtudes, objetivando os estudos.

O fim especial do Professor, tanto nas aulas quando se oferecer a ocasião, como fora delas, será mover os seus ouvintes ao serviço e ao amor de Deus e ao exercício das virtudes que lhe são agradáveis, e alcançar que para este objetivo orientem todos os seus estudos (FRANCA, 1952, 144, § 1).

Os professores deveriam esquivar-se de questões absurdas ou argumentos obsoletos que denegrissem as razões internas. Desviando sempre das objeções obscuras e não fazer digressões pela matéria dos outros.

Não a legue opiniões inúteis, obsoletas, absurdas e manifestamente falsas, nem se demore muito em referi-las e refutá-las. Procure provar as suas teses não tanto pelo número quanto pelo peso dos argumentos. Não faça digressões pela matéria dos outros; e das que lhe competem não trate nem mais difusamente do que exige a sua natureza nem fora do lugar que lhe convém. Não acumule objeções; mas dentre elas refira brevemente as mais fortes a menos que sua refutação se torne evidente pela explicação anterior da tese (Ibidem, 1952, 144, § 7).

O cuidado especial com os alunos apresentada pelo *Ratio Studiorum*, inicia com orações antes da aula. Rezando uma oração apropriada; o professor e os alunos deverão ouvir de cabeça descoberta ou, pelo menos, faça ele, de cabeça descoberta, o sinal da cruz (FRANCA, 1952, p. 144, § 2).

Exortando-os principalmente à oração, ao exame vespertino de consciência, à recepção frequente e digna dos sacramentos da Penitência e da eucaristia, à frequência diária da missa, à assistência no sermão, nos dias festivos, à fuga dos maus costumes, ao horror dos vícios e à prática das virtudes dignas do cristão (Ibidem, 1952, 144, § 3).

Em aduzir autoridades dos mestres, evite a demasia; mas se, para confirmar a sua opinião, tiver testemunhos de autores insignes, cite-lhe, quando possível as próprias palavras, com fidelidade e brevidade, sobretudo quando se tratar da Sagrada Escritura, dos Concílios e dos Santos Padres. E a dignidade do mestre exige que não cite autores que ele próprio não tenha lido (Ibidem, 1952, 144, § 8).

A autoridade do professor é confirmada na interlocução com a tradição da Igreja. Nisto o *Ratio Studiorum* observa a dignidade dos *mestres* quando de maneira fiel cita os autores autorizados pela Ordem. E sempre nas questões quando a opinião do professor prevalecer, opinar com modéstia e delicadeza, õde modo que não fira a estima dos que defendem a opinião contráriaõ principalmente se for a do professor que o precedeu. O desejo do código (*Ratio Studiorum*) é que os tutores se esforcem para conciliar os autores citados, quando possível. Ao õcitá-los e refutá-losõ, lembra o código, õseja moderadoõ (FRANCA, 1952, 144, § 5).

Esquivando-se sempre dos autores que não apresentam domínio, os professores deveriam conduzir a criança nos bons costumes e sempre ser temperado com sua opinião (GUSMÃO, 1685). Quando falar com as crianças, quando ensiná-las, citar autores nobres e, se possível, na integra, com as próprias palavras dos autores. E quando se tratar das Escrituras Sagradas, dos Concílios e dos Santos Padres falar com dignidade e precisão.

Exemplo: autores como Cícero, Aristóteles, Quintiliano, Tomas de Aquino, Plínio, Cesar Augusto, Salústio, Lívio e outros poetas, além da Eneida (pra ser exato o 4º livro), Virgílio, Horácio, preceitos de Cipriano Soares etc, eram valorizados como podemos observar Na disciplina de Retórica nas *Regras do Professor de Retórica* (FRANCA, 1952, 113, §1). O professor deveria ter a perfeita formação para a eloquência que abraça duas faculdades, a oratória e a poética.

Entende a Companhia pelo documento citado que a beleza na expressão venha abranger três pontos principais: a regra da oratória, estilo e a erudição. Os professores ensinavam a oratória de Cícero, na poética ensinavam Aristóteles e isto poderia se apresentava dois tipos de preleção: uma relativa à teoria na qual se explica as regras e outra a aplicação do estilo, na qual se explica as orações. Nesta faze o aluno lia Cícero, Aristóteles e Quintiliano⁵ (Ibidem, 1952, 192, [6]).

E difícil pensar que Alexandre de Gusmão não estava pensando na perspectiva da *Ratio Studiorum*; este documento era completo e levava a prática educativa jesuítica a um norte que mobilizava toda a Ordem. Alexandre de Gusmão conseguia guiar-se pelos preceitos deste código e entendia que a prática escolar era, como todo jesuíta deveria entendia, possibilidade de compreender o mundo-em-si.

2. A IMPORTÂNCIA E UTILIDADE DOS PROFESSORES EDUCAREM OS FILHOS

Sobre a figura do Professor é inegável que o apoio de Gusmão para essa concepção pedagógica esteja no *Ratio Studiorum*; principalmente no Tratado que sempre aparecerá nas entrelinhas como um discurso paralelo. Devemos lembrar que de 1556 a 1570 os documentos mais importantes da Companhia de Jesus será as *Normas Complementares*⁶ e o *Ratio Studiorum* começam estruturar de forma sólida a instituição escolar.

⁵ Esta disciplina tem por finalidade preparar, os que terminaram a gramática, o terreno da eloquência. Nisto se aplicava três fins distintos: o conhecimento da linguagem, a erudição e uma breve introdução sobre Retórica. Havia um estudo do conhecimento da língua, que consistia na aplicação das lições do cotidiano, nas análises da oração desenvolvida pelo aluno, no estudo de Cícero, Plínio, Cesar Augusto, Salústio, Lívio, Crtius e outros poetas. Além da Eneida (pra ser exato o 4º livro), Virgílio, Horácio, preceitos de Cipriano Soares, entre outros (Ibidem 1952, 199, [1]).

⁶ *Constituições da Companhia de Jesus* ou simplesmente *Normas Complementares*.

Sobre as *Normas Complementares* Bittar e Ferreira Junior (2007, p. 36) pontuam nesta época (entre 1556 à 1570) o circulava em todas as províncias, isto é, nas circunscrições territoriais da Companhia de Jesus, a VI Parte das *Constituições*, referente aos preceitos educativos. Acerca do *Ratio Studiorum* é inegável que a pedagogia jesuítica se apoia no *Ratio Studiorum* (LEITE, 1938, Tomo II).

Os dois documentos formam um fronte pedagógico que estrutura as instituições escolares do Brasil colonial. Percebemos que no período colonial o espírito mercantil (racionalização e cálculo) e o registro são patentes para a formação das situações que no dia-a-dia modelam o mundo colonial.

E com chegada dos jesuítas no Brasil ocorreu uma iniciação de doutrina à leitura e escrita. No princípio as escolas abertas eram para catequizar os índios, com o tempo passou-se a ensinar os cristãos ó colonizadores e seus filhos. A função dos jesuítas no Brasil além da catequese era a recorvenção do homem português⁷.

Alexandre de Gusmão não é diferente dos outros autores, pois explica a prática dos bons costumes como projeto educacional por via da importância e da utilidade. A importância e utilidade estabelecem uma obrigação a ser exercida pelos pais, mestres ou sacerdotes.

É no Tratado que Alexandre de Gusmão pontua a necessidade dos professores ensinarem os bons costumes, isto é uma obrigação, uma utilidade e importância. A palavra importância está quase todos os títulos do Tratado. Esta palavra, importância, para o autor significa influência, autoridade, prestígio, mérito, conceito elevado, grande valor, etc., por exemplo, o primeiro capítulo inicia-se com: A Importância da boa criação dos mininos (GUSMÃO, 1685, p.2).

Com a palavra utilidade, ele trabalha no corpo do texto, informa uma necessidade de seguir esses preceitos, por exemplo: O capítulo primeiro desta segunda parte dissemos quam

⁷ Alexandre de Gusmão assimila uma particularidade que muitos em sua época assumiram. Exemplo: Século XVII autores como Pedro de Santa Maria e seu *Tratado de boa criação* (1633), Padre Luís Álvares e da Silva Moral que escreveram *Céu de graça, Inferno Custoso* (1696), António Pinto da Costa em *Verdadeira Nobreza* (1655) e Padre Francisco Ayres no seu *Regimento Espiritual ao Caminho do Céu* (1654), expõe a mesma preocupação: educar as crianças nos bons costumes. Esses nomes e suas obras oferecem uma visão do que vem a ser o espírito pedagógico que se modela nos homens do século XVII, preocupados com a educação e formação da criança. Essa formação daria por meio dos bons costumes uma formação catequética no âmbito familiar, escolar e religioso.

agradável seria a Deus nosso Senhor, & de quanta utilidade para os pays oferecer a Deus o filho logo em nascimento (GUSMÃO, 1685, p. 197).

Apesar de ser exaustiva, essa maneira literária, destaca a importância da obrigação dos pais, mestres e sacerdotes na criação dos nos bons costumes. Formando um equilíbrio na criação dos meninos, os pais e mestres oferecem a criança uma atmosfera na qual, o comportamento moral, religioso e virtuoso aparece como qualidade para uma criança se tornar homem de bem.

A preocupação do Tratado tenta perspectivar uma importância e utilidade que delinea os contornos e necessidades da obrigação de todos na criação dos pequeninos. Ele parece equilibrar a obrigação dos pais e professores na responsabilidade de educar. Quando escreve seu Tratado, ele respira as contingências sociais que o circundam e as deixam influenciar na sua forma literária.

Sobre os professores, a importância e utilidade aparecem quando Alexandre de Gusmão os apresenta como homens que disciplinarão⁸ as crianças. Gusmão (1685, p. 82) entende que os professores ó ao qual ele chama de mestres, aios e tutores ó devem ser diferentes, tanto no cuidado como na obrigação. Por esse motivo, os professores merecem receber o título de pai. O professor é o autor, aquele que instrui a criança, que estabelece em sua vida o caminho a seguir, *Pater*.

Assim incumbe a obrigaçam; antes na Sagrada Escritura estes nomes de pay, ayo, ou mestre sam como sinônimos, porque o mesmo he chamar mestre, que pay, & pay, que mestre. Ioseph, para dizer, que Pharaó o fizera mestre seu, & de seu Palácio, disse que o fizera seu pay. O Rei de Phenícia para dizer a Salamam, que lhe enviava a seu mestre Hiram, disse, que lhe enviava Hiram seu pay. Os antigos Filósofos, & cidadãos Romanos tinham o mesmo estilo de chamar aos mestres pays, como chama Cícero aos Senadores, Pays conscritos; & esse estilo religioso que hoje se guarda na Igreja Católica (GUSMÃO, 1685, p. 82).

A educação jesuítica oferecida por ele é a gramática do seu contexto cultural. Sobre a formação educacional que tanto trabalhava os jesuítas, Faria (1952, p. 28) diz que õjamais foram os jesuítas infensos à pesquisa das ciências exatas, com a subordinação bem

⁸ A disciplina ou correção na maioria das vezes eram físicas, geralmente eram castigos severos.

compreensível das condições da época, e por isso se encontram entre eles grandes matemáticos, astrônomos e cartógrafos.

No legado educacional jesuítico é compreensível entender que as condições da época, a forma de educação, o empenho dos colégios e a formação dos estudantes jesuítas levaram os mesmos ao caminho da pesquisa, da matemática, da astronomia e entre outras áreas a educação e a pedagogia que também faziam parte deste mundo.

Por esse motivo, para Alexandre de Gusmão (1685, p. 83), a importância e a utilidade do professor e a obrigação de ensinar são maiores que a dos pais; para Alexandre de Gusmão os pais devem escolher um professor sábio e íntegro para ensinar as letras. Quando a criança chega até os cuidados do professor, ele assume este papel tão importante.

a obrigação dos pais he grandíssima, a mesma he dos mestres para com discípulos. Antes parece que mayor he a obrigação do mestre, que a do pai, porque o pai fazendo boa escolha de mestre ou ayo para o filho, descarrega neles sua consciência, & se alivia desta obrigação; porém o mestre, & o ayo, como se encarrega desse cuidado, nam se pode livrar desta obrigação (GUSMÃO, 1685, p. 83).

Neste sentido, o professor é responsável pelo desenvolvimento da criança. O professor tem por obrigação dar continuidade à educação da criança, livrando-a dos vícios. Imagine se uma criança fosse levada para o caminho do vício, a responsabilidade cairia sobre o professor. A negligência do aluno é descuido do professor. O mau procedimento dos alunos é antes um descuido do professor do que do pai.

Com esta fala de percebemos que o professor simboliza um ser necessário para o desenvolvimento intelectual da criança. O professor ensinava questões sobre a moral e a religiosidade católica ó a obediência dos princípios da virtude, prudência, boas maneiras, etc. ó levando o aluno a deixara individualidade e entrar no mundo português.

Desta maneira o símbolo que Alexandre de Gusmão forma sobre o professor é a de especialista na pedagogia, homem que consegue introduzir a criança no mundo do conhecimento, o único capaz de ensinar-lhes os bons costumes, o *Pater*.

Alexandre de Gusmão acreditava que a criança na idade da puerícia não é tão poderosa e ainda falta-lhe a razão. Por esse motivo apresenta o professor como um centauro. Os centauros, monstros mitológicos, são tidos como homens cuja forma se manifesta o animal. Aquiles foi educado por um centauro. O professor deve como o centauro suportar sobre os

lombos Aquiles menino e todo o peso da puerícia. E com a parte homem ensinar o Aquiles menino a arte de lançar setas. Sobre a alimentação, Aquiles comia tutano de veado e de leão que é o símbolo de valor, da coragem e da virtude (o leão) e do temor, do medo e da culpa (veado). Tudo isso para significar que o mestre dos meninos (professor) deve ter paciência na educação, suportar (como o cavalo) o fardo sobre seus lombos e com prudência e inteligência (como o homem) ensina-lhes técnicas e regras para a direção do espírito (Ibidem, 1685, p. 85).

Os planos dos Superiores, logo de início, visaram à formação de um grande colégio e de duas grandes residências. Afigurava-se a todos ser esta a salvação da Província de Portugal no meio de seu naufrágio (FOULQUIER, 1940, p. 31).

No início da colonização a província de Portugal encontrava-se em dificuldades, como por exemplo, adaptação, emboscadas pelos índios, doenças, etc. Apenas os jesuítas ofereceram uma investida para contrabalancear esses impasses. Foulquier imaginava os colégios como ãum farol no horizonteö (Ibidem, 1940, p. 46) que guiava os portugueses nesta terra hostil.

Essa possibilidade de evolução no mundo colonial foi apresentada pelos jesuítas, especialistas na educação: ãcomo mestres, consagraram-se os jesuítas ao ensino, desde o desembarque da primeira leva que a Companhia de Jesus enviou com o governador Tomé de Souzaö (CABRAL, 1925, p. 148).

O educador Alexandre de Gusmão mostra que o pensamento pedagógico jesuítico, revela a luta contra a resistência da ignorância⁹ nas crianças. O ato de saber falar e manipular as letras é a prova da introdução do indivíduo no mundo português, são empreendimentos para uma construção significativa com bases educacionais.

CONCLUSÃO

Alexandre de Gusmão esboça uma compreensão de mundo e transfere para o professorado. Sua maneira de pensar é a forma do *Ratio Studiorum*. As *Normas*

⁹ O jesuíta Baltasar Gracián uma vez escreveu sobre ser elegante no falar e no agir. Como jesuíta Gracián revela um interesse nesta área: ãCom isso se abre caminho em todos os lugares e se ganha respeito de antemão. Influi em tudo: no conversar, no falar em público, no querer e até no andar e no olhar. É uma grande vitória saber cativar os corações. A elegância não nasce da tola ousadia. Mas está, sim, na digna autoridade de um caráter superior e em seus méritosö (GRACIÁN, 2003, p. 95).

Complementares também oferece base para Alexandre de Gusmão, mas este ponto nos oferece construir outro artigo. Por ora devemos entender que o autor colonial consegue de maneira clara oferecer-nos uma base para construir uma prática educativa no Brasil colonial.

É claro que outros elementos estavam em pauta no recôncavo baiano, sendo em Cachoeira ou Santo Amaro da purificação, porém a prática educativa se mantém na conduta dos mestres e alunos. A ligação de Alexandre de Gusmão constrói naquela localidade e para o Brasil colonial um esteio de métodos que acentua a cultura portuguesa.

Compreender toda gama racional do Tratado é compreender que via a construção social, educativa, cultural, etc se estabelece. Guiar os meninos nos bons costumes e na piedade cristã é fomentar a ligação da realidade colonial com a prática educativa inaciana.

No Brasil colonial o professor assume um papel decisivo para a colônia: ele é luso que ensina, forma os alunos e propaga a doutrina cristã. Os componentes disciplinares eram percebidos no discurso: Um Aristóteles, Tomás de Aquino, Sêneca, Plínio, Fausto, Homero, entre tantos eram explanados. Mas é com o professor que o aluno achava base para fixar-se na sociedade.

Estudar esta perspectiva é vislumbrar um capítulo à parte do Brasil. A educação apresenta disparates da história que se mostram firme para testemunhar uma fatia do desenvolvimento escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTAR, Marisa e FERREIRA JUNIOR, Amálio. A pesquisa em história da educação colonial. In: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo e BITTAR, Maria, (org). *Educação História e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007a, p. 91 - 112.

CABRAL, P. Luiz Gonzaga. *Influência dos Jesuítas na Colonização do Brasil* (Século XVI). São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1925.

FARIA, Júlio Cezar de. *Da Fundação das Universidades ao Ensino da Colônia*. Rio de Janeiro: Departamento de Empresa Nacional, 1952.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. *Comunicação na Pedagogia dos Jesuítas na era Colonial*. São Paulo: Loyola, 1980.

FREITAS, César Augusto Martins Miranda de. *Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social/Tese de Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas* apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Universidade do Porto, 2011.

FOULQUIER, Joseph H. *Jesuítas no Norte/Segunda entrada da Companhia de Jesus*. Bahia: Vice ó Província da Companhia de Jesus ó do Brasil Setentrional, 1940.

FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas ó O Ratio Atque Institutio Studiorum*. Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

GRACIÁN, Baltasar. *A Arte da Prudência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GUSMÃO, Alexandre de. *Arte De Crear Bem Os Filhos Na Idade Da Puericia. Dedicada Ao Minino De Belem Iesv Nazareno*. Dedicada Ao Minino de Belém, Iesv Nazareno. Lisboa. Officina de Miguel Deslandes, Rua da Figueira, 1685.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo II, V e VII. Lisboa: Portugália/Civilização Brasileira, 1938, 1945 e 1949.

OLIVEIRA, Fábio Falcão. *Alexandre de Gusmão: arte de educar meninos nos bons costumes/Dissertação em História da Educação para obtenção de título de Mestre em Educação* apresentada na Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo/Piracicaba: Unimep, 2008.

PAIVA, José Maria de. *Religiosidade e Cultura Brasileira/Séculos XVI ó XVII*. Maringá: EduEM, 2012.

PALACIN, Luis. *Sociedade Colonial ó 1549 a 1599*. Goiânia: UFG, 1981.

RODRIGUES, Francisco J. S. *A formação intellectual do Jesuítas/Leis e Fatos*. Porto: Editora Livraria Magalhães e Moniz, 1917.

õRATIO ATQUE INSTITUTIO STUDIORUMö. In_: FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas ó O Ratio Atque Institutio Studiorum*. Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Educação, Ideologia e Contra Ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.

Recebido em 27 de setembro de 2013.

Aceito em 4 de março de 2014.